Pequeno ou nada

Apenas quando você pensou que tinha ido embora, o maximalismo está de volta – e com isso, o horrível perigo da ação militar dos EUA contra a Coréia do Norte. A recente cúpula de Hanói e os eventos subsequentes demonstraram que os Estados Unidos ainda acreditam que podem desarmar unilateralmente a Coréia do Norte.

Depois de semanas de otimismo cauteloso, incluindo pistas tentadoras de uma abordagem diplomática mais inteligente dos EUA, a cúpula de Hanói entrou em colapso no mês passado sob o peso da ignorância e arrogância do governo Trump. Uma administração diferente pode ver uma cúpula fracassada como um motivo para reavaliar sua estratégia. Mas os EUA reafirmaram sua crença ilusória de que a Coréia do Norte pode ser pressionada para a capitulação total. Esta fantasia ameaça atrapalhar a reconciliação inter-coreana e desfazer as relações dramaticamente melhoradas entre os EUA e a RPDC. Se não for controlada, poderia até mesmo levar de volta às ameaçadoras ameaças de 2017, quando uma nova Guerra da Coréia parecia muito próxima para sua comodidade.

O fracasso da cúpula de Hanói foi particularmente chocante porque nas últimas semanas, o governo parecia estar se movendo em direção a uma posição de negociação mais construtiva. O representante especial dos EUA, Stephen Biegun, fez um discurso na Universidade de Stanford que parecia sinalizar uma nova flexibilidade por parte dos EUA. O discurso de Biegun também ressaltou a importância de mudar as relações para a desnuclearização e enfatizou o desejo de Trump de finalmente acabar com a Guerra da Coréia.

Uma reportagem de 26 de fevereiro da Vox sobre os esboços de um acordo prospectivo ofereceu mais evidências de que o governo estava mudando de rumo. O acordo pedia o fechamento da instalação de Yongbyon (onde a RPDC produz plutônio) em troca

de uma declaração de fim de guerra dos EUA, a abertura de escritórios de ligação em Washington e Pyongyang, operações conjuntas de recuperação na RPDC e sanções para facilitar projetos econômicos inter-coreanos. O potencial acordo foi surpreendentemente medido, justo e poderia facilmente ter serviria como um trampolim para um acordo maior. Infelizmente, desapareceu sem deixar vestígios.

Detalhes sobre as discussões fracassadas da cúpula ainda estão vazando. O que parece claro, porém, é que a afirmação inicial de Trump de que os norte-coreanos pediram que todas as sanções fossem removidas era completamente falsa. Foi tão falso, de fato, que a Coréia do Norte tomou a decisão incomum de convocar uma conferência de imprensa na qual o ministro das Relações Exteriores Ri Yong Ho expôs explicitamente sua posição: o Norte propôs o fechamento de Yongbyon em troca da flexibilização das cinco sanções impostas pelo Conselho de Segurança da ONU. 2016, particularmente as cláusulas que afetam a economia civil da Coréia do Norte. Os EUA provavelmente viram isso como um pedido íngreme, já que essas cinco sanções formam a espinha dorsal da campanha de "pressão máxima" – que, segundo o governo, levou os norte-coreanos à mesa de negociações.

Houve discussões acaloradas em Hanói sobre o que o fechamento de Yongbyon realmente implicava. O assunto ficou tão tenso que aparentemente ameaçou minar a cúpula. Quando os EUA perguntaram se o fechamento significava desmantelar toda a instalação de Yongbyon, o vice-ministro das Relações Exteriores, Choe Son-hui, concorreu ao líder norte-coreano Kim Jong Un para determinar se isso estava correto. Kim confirmou que era, o que deveria ter permitido que a conversa continuasse. Mas em vez de responder com uma contra-oferta razoável (reduzindo menos sanções do UNSC, por exemplo, ou renúncias de iluminação verde para projetos inter-coreanos), Trump e Pompeo voltaram ao modo maximalista. Eles concordaram em aliviar as sanções somente se a Coréia do Norte se livrasse

de todo o seu programa de armas nucleares (e provavelmente seus programas químicos e biológicos também), um acordo que essencialmente todos os especialistas em Coréia do Norte concordam que não se pode iniciar.

É verdade que a Coréia do Norte pode ser um parceiro de negociação teimoso e às vezes injusto. A resistência da RPDC a conversas em nível de trabalho – onde diplomatas experientes revelam detalhes de acordos complexos – é um exemplo óbvio. Mas o informe de Hanói que temos sugere que, quer a oferta do Norte para Yongbyon fosse ou não simétrica, a administração Trump nem tentou negociar a instalação. Pompeo e Trump, em vez disso, voltaram para a fantasia de má-fé de John Bolton sobre a desnuclearização total – e a cúpula, sem surpresa, desmoronou.

Em vez de aprender sua lição, a administração Trump duplicou o maximalismo na esteira do fiasco da cúpula. Biegun, uma vez considerada uma voz pragmática, declarou ante grande parte do mundo da política nuclear de D. C. na semana passada que o governo nunca abandonaria as sanções antes do completo desmantelamento. Quando um membro da audiência perguntou o que o governo poderia oferecer em vez do alívio das sanções, Biegun fez um gesto em direção a incentivos econômicos, mas em grande parte se esquivou da pergunta. Sua posição durante toda a aparição era de uma linha-dura e basicamente indistinguível da de John Bolton, sugerindo que o governo tinha criticado Biegun (se seu discurso em Stanford na verdade representava um afastamento do antigo maximalismo).

A Coréia do Norte já expressou sua desaprovação da posição de tudo ou nada dos EUA – e pode estar flertando com os preparativos para o lançamento de satélites para telegrafar sua abertura para se afastar das negociações. Se a janela diplomática fechar, seja por intransigência dos EUA ou provocação norte-coreana, o risco de conflito retornará. O colapso das negociações nucleares provavelmente também atrapalhará as conversações inter-coreanas em andamento, que

poderiam se desintegrar por sua vez. Os projetos de desenvolvimento conjunto da Lua Jae-in não serão capazes de avançar sem concessões de sanções que os EUA serão aversos a aprovar se as tensões aumentarem. A disposição expressa da Coréia do Sul de mais uma vez desempenhar um "papel de mediador" é encorajadora, mas, a menos que Moon seja capaz de convencer os EUA a recuar de sua posição linha-dura, um acordo parece incrivelmente improvável.

As implicações das conversas colapsadas são extremamente preocupantes, que é o que torna a relativa aprovação da comunidade de política externa do desempenho de Trump em Hanói tão perturbadora. Recitando o mantra de que "nenhum acordo é melhor que um mau acordo", membros do Congresso e grande parte da comunidade de política externa dos EUA deixaram de lado sua aversão por Trump para elogiar sua postura dura. As esperanças e os temores da Coréia do Sul, supostamente um parceiro igual na região, parecem nunca figurar no consenso jingoísta de que os EUA podem simplesmente ditar os termos de um acordo. Essa ilusão imperial é autodestrutiva e perigosa.

Uma dissidência proeminente desse ponto de vista veio do especialista em armas nucleares Jeffrey Lewis, que argumentou no início deste mês que a proposta norte-coreana em Hanói era a melhor que os EUA poderiam esperar – e que Trump deveria ter aceitado. Olhando para trás, para a história das negociações EUA-RPDC, Lewis escreve: "Cada vez que os Estados Unidos caminhavam, muita gente em Washington prometia que paciência e pressão produziriam um negócio melhor do que o desperdiçado. E cada vez mais estavam errados". O establishment da política externa, conclui Lewis, simplesmente não consegue lidar com uma Coréia do Norte com armas nucleares porque isso significaria admitir que suas políticas foram totalmente mal-sucedidas.

Lewis está certo. A Coreia do Norte tem a bomba há mais de doze anos. Tem um extenso programa de mísseis balísticos e, em 2017, demonstrou uma capacidade plausível de atacar os Estados

Unidos. Reconhecer essa realidade não significa aceitá-la. Mas isso requer a revisão de metas de curto prazo e a adoção de uma abordagem mais realista das negociações. Não fazer isso é uma receita para o desastre.

O caminho mais inteligente, como especialistas e ativistas vêm dizendo há meses, é focar em objetivos mais gerenciáveis. Os dois lados devem rever suas negociações de Yongbyon, preferencialmente no nível de trabalho. O desmantelamento de Yongbyon não acabaria com o programa nuclear norte-coreano, mas constituiria um progresso significativo no sentido de congelá-lo no lugar. Um acordo provisório sobre Yongbyon poderia formar uma base para futuras negociações e permitiria que a reconciliação inter-coreana prosseguisse. Isso também manteria as tensões tão baixas quanto elas (felizmente) desde o início de 2018.

No entanto, isso requer desistir do sonho de desarmamento unilateral. Significa enfrentar escolhas difíceis, como a perspectiva levantada por Lewis de que a proposta norte-coreana poderia ser o melhor negócio que os EUA terão.

Com o ascendente do boltonismo, porém, as chances de um processo pragmático gradual parecem cada vez mais fracas. Os defensores da paz devem continuar defendendo um acordo em menor escala, um relacionamento melhorado com a Coréia do Norte e a demissão sem cerimônia de John Bolton. Caso contrário, podemos nos encontrar em uma reprise de 2017 – sem o final feliz surpresa.

Original: Jacobin Magazine